A fruticultura consegue novo recorde nas exportações de 1994

O Brasil é tradicionalmente considerado o maior produtor de frutas do mundo, mas se apresenta sempre como um exportador insignificante.

As análises referentes à agricultura brasileira são quase sempre direcionadas à "agricultura de grãos" (lavouras de cereais, leguminosas e oleaginosas, alimentares ou não) e à pecuária. Poucas outras atividades do setor agrícola, como o café e a laranja, são merecedoras de atenções semelhantes. Evidentemente, o fato de se terem criado instrumentos de política agrícola específicos para os "grãos" e o peso na economia do país dos dois subsetores mencionados respondem por este viés.

Cabe observar, porém, que as atividades agrícolas e agroindustriais de maior expansão no comércio mundial, no momento, situam-se na área da fruticultura e dos sucos de frutas. No entanto, apesar da imagem que temos aqui, no Brasil, de uma grande força da produção tropical, as transações internacionais são amplamente dominadas pelas frutas temperadas, produzidas em sua maioria no Hemisfério Norte, onde estão concentradas as principais economias mundiais.

Recente trabalho do Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf)[1] mostrou que o comércio mundial movimenta cerca de 40 milhões de toneladas de frutas frescas e que o Hemisfério Norte compra 95% delas. Do total produzido, 30 milhões de toneladas provêm do Norte e somente 10 milhões do Hemisfério Sul. Estas últimas são classificadas em frutas de contra-estação (as de clima temperado, como as laranjas, maçãs e uvas, que podem ser produzidas no Sul, durante a entressafra do Norte) e tropicais. As tropicais tradicionais são a banana (de que existe um cartel de países produtores/exportadores, a Upeb, atualmente enfrentando as restrições comerciais da União Européia) e o abacaxi. Muitas outras têm-se destacado, em anos recentes, e se espera que o mercado venha a acolher bem, no futuro, espécies hoje consideradas apenas exóticas, em razão da força da demanda de alimentação mais saudável.

A título de exemplo, segundo dados da Associação das Indústrias Alemãs de Sucos de Frutas, de Bonn, o consumo *per capita* de sucos de frutas passou de 13,5 litros/ano, em 1975, para 36,2 litros/ano, em 1989, na própria Alemanha, e de 22 litros anuais para 31 litros, no mesmo período, nos EUA. O maior aumento nesses anos ocorreu no Reino Unido, com a evolução de parcos 3,4 litros/ano para 18 litros. Os cinco maiores mercados mundiais são os dos EUA, Alemanha, Reino Unido, Países Baixos (reexportador) e França, que absorveram 65% das importações globais, segundo estudo do Gatt. As estatísticas sobre o mercado mundial de sucos concentrados e polpas congeladas de frutas são precárias, à exceção das que se referem ao abacaxi. Calcula-se, porém, que, excetuando-se também a laranja, de clima temperado, cujo suco predomina no mercado, salientam-se, em menor escala, a banana, o maracujá e a manga.

No caso dos sucos, devido ao grande desenvolvimento da citricultura, o Brasil apresenta posição destacada, com 33% das exportações de suco concentrado congelado.

No que diz respeito às frutas, o International Trade Center, do Gatt, procurou explicar as razões para a grande expansão das compras dos países desenvolvidos, em anos recentes. Até há pouco tempo, as frutas eram tidas como artigos de luxo e comercializadas a preços elevados. Nos anos 80, no entanto, o desenvolvimento do transporte marítimo frigorificado barateou o deslocamento do produto. Além disso, houve maior divulgação, tanto pelo fluxo turístico europeu nos países produtores tropicais, como por campanhas promocionais junto aos consumidores, as quais beneficiaram até aquelas frutas transportadas por via aérea, como o mamão e a manga.

A área que mais cresce no agribusiness mundial é a das frutas e derivados.

Alguns países souberam aproveitar-se do momento e, mediante esforços integrados de seus governos e da iniciativa privada, entraram no competitivo rol dos exportadores mundiais. Desses, os principais foram Chile, África do Sul, Espanha, Nova Zelândia e Israel. Os três primeiros ultrapassaram amplamente a faixa de US$1 bilhão em exportações anuais (quase US$2 bilhões, na Espanha), de que os dois últimos se aproximam. Tiveram papel de relevo neste processo os *boards* (Nova Zelândia: kiwi e maçã; Espanha e Israel: cítricos; África do Sul: maçã e uva). No caso chileno, grandes empresas exportadoras atuaram ativamente.

O Brasil, que costuma ser considerado o maior produtor mundial de frutas, manteve suas exportações, durante todos os anos 80, ao redor de apenas US$45 milhões anuais. Em 1991, atingiu os US$82 milhões e, desde então, pôde ultrapassar a barreira de US$100 milhões (beneficiado por quebra de safra na Europa), quantia obviamente irrisória, diante do potencial do país. No ano de 1993, foram auferidos US$132 milhões. Em 1994, novo recorde foi registrado, com receita superior a US$150 milhões, resultado de expansão de 20% nas vendas ao exterior. A receita das exportações de maçã aumentou de US$1,7 milhão, em 1991, para US$15 milhões, em 1994.

Em razão das boas perspectivas, as cooperativas brasileiras vinham-se interessando, há alguns anos, em diversi-

[1] *Os mercados internacionais para frutas tropicais*. São Paulo, Ibraf, jul. 1993.

ficar sua atuação, e começaram a se voltar para a fruticultura de exportação. Isto fez com que, ao criar o Programa de Apoio à Produção e à Exportação de Frutas, Hortaliças, Flores e Plantas Ornamentais (Frupex) em janeiro de 1991, o governo federal o colocasse ligado ao Departamento Nacional de Cooperativismo e Desenvolvimento Rural (Denacoop) do Ministério da Agricultura. Para melhorar o desempenho da fruticultura, o programa se propõe a elaborar manuais informativos sobre aspectos diversos da produção, colheita, pós-colheita e fitossanidade de frutas selecionadas (abacate, abacaxi, acerola, banana, goiaba, graviola, limão, manga, maracujá, melão, papaia, tangerina e uva), preparar programas específicos de treinamento, promover eventos, *joint ventures* e articulação institucional e implantar um banco de dados.

O programa conta com o apoio do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA) e vem instalando comitês estaduais, com vistas ao fomento das atividades de seu interesse compatíveis com as características regionais ou com o potencial de mercado. O investimento no desenvolvimento da fruticultura nunca foi notável, no país, mas se conseguiram alguns êxitos em regiões localizadas, como nos casos dos pomares irrigados do Nordeste e da maçã, em Santa Catarina. A Valexport, associação de fruticultores do Vale do São Francisco, estima que, em 1994, aquela região tenha conseguido aproximadamente US$50 milhões com as exportações de uva e de manga. Não foi possível vender mais, devido ao aumento do consumo interno e à frustração da safra de São Paulo, por problemas climáticos. A entidade é responsável pelas exportações, destinadas em sua maior parte à Europa. A partir de novembro passado, começou a vender para os EUA a uva nordestina, sob a denominação genérica de *Brazilian grapes*. Também estão sendo testados os promissores mercados asiáticos, como a Coréia do Sul e Hong Kong e o Oriente Médio (ver a propósito da força destes mercados Panorama Internacional *Agroanalysis* (3/4), nov. e dez. 1994).

A produção brasileira de frutas, embora volumosa, concentra-se apenas na laranja e na banana, que representam mais de 70% do total (ver tabela). Curiosamente, estas atividades podem ser usadas como exemplos do que se considera avançado (laranja) e do que há de mais atrasado (banana) na agricultura brasileira. Cerca de 87% da produção de laranjas dirigem-se à agroindústria, onde houve pesquisa e aplicação de tecnologia. Com a banana é o oposto. Não emprega tecnologia na imensa maioria de suas plantações; é consumida localmente e exporta menos de 1% do total produzido. Aliás, em 1994, começou-se a importar banana equatoriana e sua qualidade impressionou sobremaneira os consumidores que chegaram a vê-la. Apesar da qualidade superior, no entanto, a fruta equatoriana vem encontrando problemas de mercado, em razão da nova política discriminatória da União Européia, e tem procurado atingir novos consumidores.

Também em termos de organização o subsetor apresenta-se desaparelhado no Brasil. Funcionam apenas dois *boards*, o da maçã catarinense e gaúcha (os pomicultores já se valeram da experiência de uma empresa neozelandesa para a exportação e, atualmente, utilizam para distribuição a holandesa Van Dick Delft) e o da uva da região de Petrolina. Mesmo assim, está havendo em todo o país maior interesse pela constituição de pomares, e diversas frutas novas vêm-se expandindo, como o kiwi, a acerola e a noz macadâmia.

Brasil — produção, exportação e industrialização de frutas frescas — 1993
(milhões de t e %)

Frutas	Produção (milhões de t)	Exportação (%)	Industrialização (%)
Laranja	13,50	0,70	80
Banana	8,50	1,07	–
Abacaxi	1,00	1,08	35
Uva	0,80	1,00	40
Manga	0,60	1,30	–
Limão	0,45	1,00	20
Mamão	0,43	1,20	–
Maçã	0,41	7,60	10
Tangerina	0,28	1,80	25
Melão	0,27	14,00	–

Fonte: Instituto Brasileiro de Frutas.

De acordo com estudo publicado na *Revista de Política Agrícola*, ano 2, número 1, da Companhia Nacional de Abastecimento, enquanto um hectare dos "grãos" rende até US$500/ano, a mesma área, se dedicada à fruticultura, poderá render entre US$200 e US$20.000/ano. O aumento da produção, contudo, precisa ser feito em termos economicamente interessantes. Por exemplo, não adianta ampliar a oferta de frutas fora de padrão, ou de variedades inadequadas por seu aspecto ou baixa produtividade física.

Assim, conforme diagnóstico do Ibraf, não se tem aqui a produção adequada à demanda (há pouca diversificação), faltam embalagens apropriadas ao clima tropical e o produtor ainda não entendeu a importância da preocupação com a qualidade. Também não se pode contar com campanhas promocionais com vistas à divulgação do produto brasileiro.

A preocupação com a alimentação mais saudável, porém, veio para ficar e não é possível que o país que se considera o maior produtor de frutas do mundo permaneça tão isolado e continue desperdiçando elevado percentual de sua produção (estima-se que até 40% de algumas frutas sejam destruídas no caminho que vai do campo ao consumidor final).

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA